



PASOS. Revista de Turismo y Patrimonio Cultural

ISSN: 1695-7121

info@pasosonline.org

Universidad de La Laguna  
España

Cristóvão, Artur; Medeiros, Vera; Melides, Rosário

Aldeias Vinhateiras: Requalificação Urbana, Turismo e Desenvolvimento Local no Douro

PASOS. Revista de Turismo y Patrimonio Cultural, vol. 8, núm. 4, octubre, 2010, pp. 519-528

Universidad de La Laguna

El Sauzal (Tenerife), España

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=88115181007>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

## Aldeias Vinhateiras: Requalificação Urbana, Turismo e Desenvolvimento Local no Douro

**Artur Cristóvão<sup>i</sup>**

**Vera Medeiros<sup>ii</sup>**

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (Portugal)

**Rosário Melides<sup>iii</sup>**

Entidade Regional de Turismo do Douro (Portugal)

---

**Resumo:** As aldeias do Douro Vinhateiro são espaços marcadamente rurais, tendencialmente fragilizados, em processo de decréscimo populacional, em que o sector primário continua a assumir um papel importante, predominando as actividades vitivinícolas. No sentido de revitalizar algumas destas aldeias foi lançado um projecto de requalificação urbana abrangendo seis aldeias de diferentes concelhos, ao qual se seguiu um outro de dinamização socio-económica e, finalmente, um plano de animação turística, que culminou no Festival das Aldeias Vinhateiras, realizado no Outono de 2007. Estas intervenções foram alvo de estudo, procurando responder a uma questão central: as aldeias estão vivas? No artigo apresentam-se os resultados globais a investigação, evidenciando-se as dificuldades sentidas no campo da revitalização socio-económica, bem como algumas pistas tendo em vista a dinamização do desenvolvimento local.

**Palavras-chave:** Douro; Aldeias vinhateiras; Desenvolvimento local; Turismo rural.

---

**Abstract:** The Douro Region villages are generally rural spaces, fragile and with a decreasing population, in which the primary economic sector is still quite important, particularly the wine making related activities. In order to revitalize some of these villages, in different municipalities, a major project was launched, including interventions in the areas of urban regeneration, socio-economic development and tourism promotion, including the Wine Villages' Festival, in 2007. This project was object of study, looking at a major question: are these villages alive? In this article the major research results are presented, showing the difficulties such kind of interventions face, and some ideas are offered regarding the promotion of local development.

**Keywords:** Douro; Villages wine countries; Local Development; Rural Tourism..

---

---

<sup>i</sup> Professor da Universidade Federal da Paraíba - UFPB; Graduado, mestre e doutor em Administração; Interesse nas áreas de marketing e de educação em negócios. Email: franze@franzecosta.com.

<sup>ii</sup> Mestranda em Administração pela Universidade Estadual do Ceará - UECE; Interesse nas áreas de marketing e de educação em negócios. Email: flaviaplutarco@hotmail.com.

<sup>iii</sup> Mestranda em Administração pela Universidade Estadual do Ceará - UECE; Interesse nas áreas de marketing e de educação em negócios. Email: renatagradwohl@gmail.com.

## Introdução

Vários programas e projectos têm procurado promover o desenvolvimento do Douro, sendo de destacar, nos anos mais recentes, a chamada Acção Integrada de Base Territorial – Douro (AIBT), inserida no Programa de Desenvolvimento da Região Norte 2000-2006, que sucedeu ao PRODOURO (CCRN, 2002a e 2002b). Dentro desta acção multifacetada inseriu-se uma iniciativa específica, dirigida para a requalificação e revitalização de um conjunto restrito de aldeias durienses, conhecida por Programa “Aldeias Vinhateiras”.

As Aldeias Vinhateiras do Douro são espaços marcadamente rurais, estreitamente ligados à história da vinha e do vinho, tendencialmente fragilizados, em processo de decréscimo populacional, em que o sector primário continua a assumir um papel importante, predominando as actividades vitivinícolas. No sentido de dinamizar algumas destas aldeias foi lançado um projecto de requalificação urbana abrangendo localidades de diferentes concelhos durienses, ao qual se seguiu um outro de dinamização socioeconómica e, finalmente, um plano de animação turística, que culminou no Festival das Aldeias Vinhateiras, realizado no Outono de 2007.

Formalizada no ano 2001, esta iniciativa envolveu um pequeno conjunto de aldeias de cinco concelhos: Barcos (Tabuaço), Favaio (Alijó), Proveza (Sabrosa), Salzedas e Ucanha (Tarouca) e Trevões (S. João da Pesqueira). Na sua essência, visava-se “a criação de uma dinâmica de regeneração e valorização das aldeias do Douro Vinhateiro, através da revitalização socioeconómica, da fixação da população e do reforço da promoção turística do Douro” ([http://www.aldeiasvinhateiras.pt/sobre\\_projecto/index.php](http://www.aldeiasvinhateiras.pt/sobre_projecto/index.php)).

Intervenções deste tipo têm também sido realizadas noutros territórios do interior de Portugal, sendo os mais conhecidos os Projectos das “Aldeias Históricas”, situadas no espaço raiano da Beira Interior, e das “Aldeias do Xisto”, abrangendo um vasto conjunto de municípios da Região Centro do continente. Em todos os casos, as intervenções implicaram componentes de requalificação urbana e de revitalização das economias locais, sendo esta última centrada na valorização dos recursos endógenos e na promoção turística.

Estas intervenções têm sido alvo do interesse de académicos e objecto de vários estudos, procurando, nomeadamente, conhecer as opiniões e percepções dos residentes sobre as intervenções realizadas, os impactos na qualidade de vida das aldeias e

os efeitos nas respectivas economias. Nessa linha, foram realizados em 2008/09 estudos de caso em quatro das seis Aldeias Vinhateiras do Douro – Favaio e Proveza, Ucanha e Salzedas -, localizadas em distintos concelhos, procurando responder a uma questão central: as Aldeias Vinhateiras estão vivas?

Em torno desta questão, outras foram objecto de reflexão, nomeadamente: Passados cerca de oito anos, o que aconteceu a estas aldeias? Que impactos tiveram as intervenções? A população manteve-se? Foram criados novos negócios e empregos? Houve incremento do número de turistas e visitantes? Gerou-se alguma dinâmica de rede entre as aldeias? Quais as percepções dos actores locais (habitantes, líderes políticos e associativos, agentes económicos)? Que lições tirar destas experiências?

O trabalho foi realizado em duas fases. Numa primeira, através de visitas, conversas informais (Presidente da Junta de Freguesia e elementos da população) e observação de todas as aldeias do Programa, auxiliada por um guião, foi feito um diagnóstico rápido, que contemplou aspectos como: evolução da população; actividades económicas; cultura e património; organizações locais; feiras e festas; sinalização da aldeia; intervenções realizadas; dinâmicas criadas; envolvimento em rede com as outras aldeias.

Numa segunda fase, de forma mais sistemática e segundo uma abordagem qualitativa, centrada apenas nas quatro aldeias antes referidas, foram feitas entrevistas a líderes locais (Padre, Presidente de Junta de Freguesia), agentes económicos (ligados ao artesanato, comércio, restauração, turismo e outras actividades relevantes), responsáveis associativos, professores, dinamizadores locais e habitantes em geral.

Estas entrevistas visaram, de uma forma geral, conhecer as opiniões e percepções dos inquiridos sobre as intervenções realizadas, a participação da comunidade, os aspectos positivos e negativos, as melhorias observadas, os efeitos na atractividade turística das aldeias, a criação de emprego local, as oportunidades de desenvolvimento, as ameaças e as perspectivas de evolução da aldeia no prazo de cinco anos.

Neste artigo dá-se conta das conclusões relativas às aldeias de Favaio e Proveza, onde o trabalho de campo se realizou na Primavera e Verão de 2009. Na segunda fase do trabalho de campo foram inquiridos: 22 habitantes, 11 de cada aldeia, homens e mulheres de diferentes

estratos etários e com graus de instrução e ocupações profissionais também diversos; e 31 actores locais, ligados ao poder local, ao comércio, educação, turismo e outras actividades, sobretudo homens, com níveis de formação muito distintos, embora cerca de metade (14 dos 31) com um grau de ensino superior.

Para além desta introdução, o artigo inclui três pontos adicionais: uma breve resenha das transformações e dinâmicas de desenvolvimento das áreas rurais em Portugal; uma caracterização genérica do espaço duriense e do Programa “Aldeias Vinhateiras”, explicando sumariamente as intervenções realizadas; as principais conclusões do estudo; e uma reflexão final sobre o projecto em causa e os esforços de revitalização de micro-territórios rurais.

### **Espaço rural: transformações e dinâmicas de desenvolvimento**

O espaço rural português transformou-se profundamente no último meio século e está crescentemente “desagrarizado”. Como salienta Baptista (2003, 47), “A agricultura, apesar de ser ainda a actividade mais marcante na ocupação do espaço, já não hegemoniza a sua utilização, nem a vida social e económica dos povoados rurais”. As explorações agrícolas diminuíram fortemente em número, assim como os produtores, há menos terra arável, mais pastagens permanentes, matos e florestas, e muitas explorações têm o seu rendimento maioritário no exterior, noutras actividades (Correia, 2006).

Hoje, como ontem, os campos são diversos e, na verdade, existem vários rurais, com diferenças entre norte e sul, montanhas e vales, pequena e grande agricultura, áreas de menor ou maior densidade populacional, e distintas articulações com os (também diversos) espaços urbanos. De uma forma geral, temos um mundo rural que é paisagística e ecologicamente diferente, talvez mais pobre estética e ecologicamente, com tendência para a simplificação da paisagem e a disseminação de construções, fruto da pressão urbanística não planeada, porventura mais vulnerável a desastres ambientais, como a erosão, as cheias e os incêndios (Cancela de Abreu, 2006).

Uma marca importante é o despoivoamento crescente e o envelhecimento, assim como a urbanização, nomeadamente das actividades, hábitos, comportamentos, estilos de vida e aspirações. Portugal é, cada vez mais, o litoral costeiro, onde se concentra a grande maioria da população, das infra-estruturas e dos serviços. Como se referia em artigo do jornal “Público” de

21 de Janeiro de 2005 (Sanches, 2005), citando um estudo realizado para o Ministério do Trabalho e da Segurança Social do governo português, “Um quarto dos conceelhos portugueses corre risco de morte social”.

O isolamento político e social do espaço rural é também objecto de reflexão. É sabido que o voto rural tem hoje um peso menor, face à grande concentração populacional num número reduzido de distritos fortemente urbanizados e densamente povoados, em particular Braga, Porto, Lisboa e Setúbal. Por outro lado, alguns autores, como Portela (2003), consideram que existe uma profunda indiferença nacional quanto ao destino da agricultura e da sociedade rural. É também um facto que os pais agricultores, como diz Portela (2005), empurram os filhos para fora da agricultura e da aldeia, desejando que tenham um trabalho mais prestigiado e compensador.

Para alguns, temos hoje um rural “produzido”, moldado a partir de novas procuras com origem urbana. Covas (2007, 153) destaca mesmo que “o mundo rural é um palco imenso onde se desenrolam todas as representações do mundo actual, das mais paroquiais e populares às mais cosmopolitas e sofisticadas”. Na verdade, como acrescenta, “trabalhamos mais com representações do mundo rural, quase todas de proveniência e inspiração urbanas, do que como mundo rural propriamente dito”.

Sem margem para dúvidas, é um espaço alvo de múltiplas intervenções de desenvolvimento, em que se cruzam actores diferenciados, endógenos e exógenos, públicos e privados, cooperativos e associativos, procurando valorizar “velhas” actividades e promover outras, explorando as potencialidades, oportunidades e factores de competitividade de cada território. O marketing das áreas rurais está na moda, assim como a sua patrimonialização (Peixoto, 2004; Ruivo, 2006).

A perspectiva da multifuncionalidade das explorações agrícolas e do espaço rural está presente nestas intervenções, que visam, não só o desenvolvimento da agricultura e da floresta, mas também, muito em particular, a diversificação das economias e a criação de novas actividades, baseadas na protecção dos recursos naturais e da biodiversidade, na valorização da paisagem, na gestão do espaço, e na preservação de valores culturais e patrimoniais.

Assim, temos iniciativas (mais ou menos integradas), por exemplo: de valorização dos produtos agrícolas e agro-alimentares tradicionais de qualidade e de desenvolvimento da agricultura biológica (ou orgânica); de promoção do turismo rural e de na-

tureza e de múltiplas actividades de lazer; de exploração de fontes energéticas alternativas; de valorização das práticas culturais e dos patrimónios locais; de fomento da educação ambiental e apoio a cidadãos com necessidades especiais (quintas pedagógicas e sociais).

O turismo tem sido considerado uma aposta promissora na diversificação das economias rurais, muito em especial das mais desfavorecidas ou marginalizadas. A este sector são associados vários benefícios, económicos, sociais e culturais, e a possibilidade de “renovação do mundo rural”, pelas articulações sinérgicas entre actividades, a valorização do ambiente e os seus efeitos multiplicadores (Moreira, 1994, citado por Mesquita, 2009: 18) e alguns falam mesmo do turismo, ambiente e agricultura como “um triângulo virtuoso de desenvolvimento rural sustentável”, desde que criadas certas condições (Covas, 2008: 53).

A revitalização de aldeias tem sido objecto de muitos projectos que assentam nesta lógica. Numa resenha rápida, podemos destacar iniciativas como a recuperação de “Aldeias Históricas”, desenvolvido no âmbito do Programa de Promoção do Potencial de Desenvolvimento Regional (PPDR) (<http://www.aldeiashistoricasdeportugal.com/>), envolvendo 10 aldeias do interior raiano, o Projecto das “Aldeias do Xisto”, promovido inicialmente pela Comissão de Coordenação e Desenvolvimento da Região Centro (CCDRC) e posteriormente pela Agência para o Desenvolvimento Turístico das Aldeias do Xisto (ADXTUR) (<http://www.aldeiasdoxisto.pt/institucional/9/5/>), abarcando núcleos rurais de 16 concelhos da Região Centro, ou o Programa “Aldeias de Portugal”, lançado pela Associação de Turismo de Aldeia (ATA), envolvendo um conjunto de aldeias localizadas em concelhos do norte do país (<http://www.aldeiasdeportugal.pt/PT/>).

Estes projectos visaram, através da reabilitação de espaços públicos e privados, da melhoria da qualidade de vida e da dinamização socioeconómica, deter a emigração e manter as aldeias vivas. A valorização das amenidades locais, como o ambiente e paisagem, os produtos agro-alimentares, a gastronomia e o artesanato, foram traços comuns, sendo o desenvolvimento do turismo e do lazer, nas suas diferentes vertentes, um eixo central das intervenções.

### **O Douro e o projecto das aldeias vinhateiras**

Os 22 concelhos integrantes da AIBT-Douro, correspondentes ao Vale do Douro Norte, Vale do Douro Sul e Terra Quente

Transmontana, apresentam acentuadas desigualdades internas, convivendo pólos de média dimensão e certo dinamismo económico (como Vila Real), com extensas áreas rurais, marcadas pela predominância da agricultura e do emprego não qualificado e por uma baixa densidade populacional. A taxa de analfabetismo é ainda elevada, assim como o abandono escolar, e as pessoas mais qualificadas vivem, sobretudo, nas localidades de maior dimensão (Cristóvão, 2005).

No que respeita à demografia, o território caracteriza-se por regressão populacional e envelhecimento, despovoamento rural e concentração nas sedes de concelho. A perda de população deve-se, numa primeira fase, a saídas de população activa e, depois, à queda acentuada da natalidade. As verdadeiras dinâmicas territoriais da evolução demográfica só se tornam evidentes quando passamos a uma análise ao nível da freguesia. Na maior parte do interior, o período entre os dois últimos censos foi marcado por um movimento, nalguns casos bastante acentuado, de urbanização e despovoamento rural: em geral, as sedes de concelho conheceram um crescimento da população residente, enquanto que as freguesias rurais envolvidas acentuavam a sua regressão demográfica e o envelhecimento (Cristóvão, 2003).

Em termos económicos, os serviços de natureza social, directa ou indirectamente dependentes do Estado enquanto empregador, têm um peso de 29% no emprego da região. Os ramos produtivos mais importantes são a agricultura, a construção civil e o comércio, os quais, no seu conjunto, ocupam metade da população activa empregada. O sector do turismo está em crescimento, com um reposicionamento virado para o rio e a paisagem vinhateira, podendo constituir âncora de outras actividades económicas, em especial dos serviços e da produção de produtos locais de valor acrescentado. Neste campo, tem evoluído a oferta hoteleira, com um crescendo em quantidade e qualidade, sendo de destacar a criação de novas unidades no coração da região vinhateira (Cristóvão, 2003 e 2005).

Foi neste quadro que se lançou, no ano 2001, o Programa “Aldeias Vinhateiras”, no âmbito da Acção Integrada de Base Territorial-Douro. Esta Acção, também designada por Medida 2.1 do Programa Operacional da Região Norte visava, em termos gerais, (1) fortalecer a coesão territorial e institucional do Douro e (2) valorizar os recursos endógenos e a estruturação do sistema económico regional (CCRN, 2002b).

O Programa “Aldeias Vinhateiras” articulou a Comissão de Coordenação e



Desenvolvimento Regional do Norte com os cinco municípios envolvidos – Alijó, Sabrosa, S. João da Pesqueira, Tabuaço e Tarouca -, a Associação para o Desenvolvimento do Turismo da Região Norte (ADETURN) e o Instituto Português do Património Arquitectónico (IPPAR), sendo os municípios as entidades promotoras. A carta de compromisso que assinalou o início da requalificação das aldeias foi assinada a 23 de Fevereiro. As aldeias em causa foram seleccionadas atendendo à sua identidade cultural e à sua ligação particular com a vinha e o vinho, e tendo em conta a um conjunto de critérios específicos, nomeadamente: a densidade populacional; as acessibilidades; e os valores históricos, patrimoniais e paisagísticos.

De uma forma global, as intervenções materiais, que envolveram um investimento de cerca de 11 milhões de euros, contemplaram a requalificação dos espaços públicos, a colocação e remodelação da pavimentação, a instalação e/ou modificação de infra-estruturas básicas (águas residuais, esgotos, iluminação, telefone), a colocação de mobiliário urbano, a melhoria das acessibilidades, a recuperação de fachadas e coberturas de edifícios particulares adjacentes à zona pública, e a reabilitação dos edifícios públicos, nomeadamente das sedes das Juntas de Freguesia.

Na componente imaterial, com investimento um pouco superior a um milhão de euros, foram realizados dois projectos específicos, um na área da “Empregabilidade” (cerca de 700 mil euros) e outro no domínio da “Comunicação e Promoção” (cerca de 300 mil euros). O projecto de “Empregabilidade”, designado por “Aldeias Vivas”, realizado entre Fevereiro de 2006 e Maio de 2007, visou promover a iniciativa local, desenvolver novas competências profissionais e sociais e incentivar articulações interinstitucionais. Assim, foram facultados, em cada aldeia, os seguintes apoios: Aprendizagem (espaço de auto-aprendizagem); Oficina de Projectos (apoio à criação de micro-negócios); Agência de Balanço de Competências (promoção do auto-conhecimento e reconhecimento de aptidões favoráveis a um novo projecto profissional); e Serviço de Apoio às Pequenas Empresas (acompanhamento técnico visando desenvolver a qualidade, competitividade e integração no tecido empresarial local). A realização do projecto esteve a cargo da Associação Nacional de Oficinas de Projectos (ANOP), através de formadores e de dinamizadores locais afectos a cada aldeia (<http://www.anop.eu/index.php/pt/programas-operacionais/227-aldeias-vivas>).

A componente de “Promoção e Comunicação”, executada através do projecto “Aldeias Vinhateiras do Douro – Promoção e Comunicação para a Sustentabilidade”, da

responsabilidade da Comissão de Coordenação e Desenvolvimento da Região Norte, assentou na criação de uma imagem gráfica para o conjunto das aldeias, no lançamento de uma página Web e de uma Newsletter e na realização do primeiro Festival das Aldeias Vinhateiras. Este Festival teve lugar em Setembro e Outubro de 2007, contemplando 13 dias de programação (dois a três dias em cada aldeia) e cerca de 80 iniciativas culturais em todas as aldeias, incluindo feiras de produtos, artesanato e livros, teatro, música, dança, animação de rua (marionetas, novo circo, etc.) e exposições ([http://www.aldeiasvinhateiras.pt/index\\_intro.php](http://www.aldeiasvinhateiras.pt/index_intro.php)). Na página Web foram promovidos pacotes turísticos de fim-de-semana, que incluíam alojamento, refeições, acesso a espectáculos, provas de vinho e outras actividades.

## Experiência de mercado

### Perspectiva geral das seis aldeias

As seis aldeias do Programa situam-se no espaço duriense do chamado Cima Corço. A mais habitada é Favaios, com 1314 moradores, seguida de Salzedas (861), Barcos (739), Trevões (639), Ucanha (423) e Provesende (417). Em Salzedas, Trevões e Ucanha a população tem diminuído, enquanto que nas restantes tem subido ligeiramente, talvez beneficiando da maior proximidade à respectiva sede de concelho.

Em todas as aldeias, a agricultura, especialmente a vitivinicultura, é a principal actividade económica, estando o comércio em segundo lugar. Favaios apresenta uma maior diversidade de comércio e serviços, estando Barcos na situação oposta. As actividades de animação turística são, em todos os casos, relativamente escassas. Porém, as actividades culturais têm alguma expressão, sendo traduzidas em Grupos de Teatro (Favaios e Ucanha) ou de Cantadores de Janeiras (Provesende, Salzedas e Ucanha). Em Provesende e Barcos, após o Festival das Aldeias Vinhateiras de 2007, passou a realizar-se a Festa da Vinha e do Vinho e em Trevões tem lugar a Semana Cultural, assim como montarias ao javali, que atraem muitos visitantes. Além disso, todas as aldeias, com maior ou menor dinamismo e projecção, organizam as festas dos respectivos Santos Padroeiros.

O artesanato não abunda, sendo de destacar a presença dos bordados, da tanoaria e da cestaria, muito em especial em Favaios, Salzedas, Trevões e Ucanha. O património histórico e arquitectónico é, contudo, muito significativo, e traduz-se em pelourinhos, igrejas, capelas e ermidas, casas senhoriais e vestígios arqueológicos. Na maior parte dos casos, este património não está sinalizado, sendo excepções al-

guns dos locais mais significativos de Provesende e Salzedas.

Em todas as aldeias marcam também presença vários tipos de organizações locais, como as Associações de Bombeiros Voluntários, os Grupos Culturais e Recreativos, os Grupos de Teatro, as Associações Socioculturais, as Comissões de Festas, os Grupos de Jovens, os Clubes de Futebol ou as Sociedades Filarmónicas. As aldeias de Favaio e Trevões têm ainda as Adeagas Cooperativas.

Apesar de haver consenso quanto às melhorias registadas nas aldeias com as intervenções do Programa, nomeadamente nos arruamentos, canalizações, infra-estruturas de electricidade e fachadas de algumas habitações, verifica-se também o sentimento de que ficou muito por fazer e algum descontentamento popular quanto à forma de realização e fiscalização de algumas obras. Segundo afirmaram alguns inquiridos, estão ainda por finalizar trabalhos em Provesende, nomeadamente canalizações e instalações eléctricas. Em Favaio, segundo referiram, foram primeiro pintadas as fachadas dos edifícios e só posteriormente se tratou da renovação do saneamento básico e da repavimentação, o que causou danos nas pinturas antes realizadas.

Entre as obras mais significativas para os inquiridos, foram assinaladas, por exemplo, a Biblioteca Pública de Trevões e o Museu do Vinho e do Pão de Favaio. Contudo, estes lamentam o abandono de muitas casas senhoriais, particularmente no caso de Provesende, assim como a falta de alojamento turístico local e de restaurantes de qualidade.

Em matéria de promoção, apesar da criação do site das Aldeias Vinhateiras, do lançamento da Newsletter e da realização do Festival, os autarcas e habitantes consideram que tem havido pouca divulgação, nomeadamente pelas Regiões de Turismo. Além disso, findo o projecto, diminui a motivação e os esforços investidos diluíram-se ou perderam-se, havendo um sentimento geral de que a capacidade de atracção de visitantes e turistas é pouca. Uma das razões apontada é a falta de pequenos negócios locais, ligados ao artesanato e outros produtos, ao alojamento turístico e à restauração, isto apesar do trabalho de animação realizado no âmbito do projecto de “Empregabilidade”. Segundo referiram, dada a falta de apoios financeiros, os potenciais interessados pararam os projectos, e a intervenção redundou em pouca ou nenhuma iniciativa local.

No geral, os inquiridos têm a percepção de que a dinâmica criada com o projecto das Aldeias Vinhateiras foi fraca. As aldeias são mais conhecidas, há excursões organizadas ou promovidas pelas Câmaras

Municipais, assim como visitas de escolas e de turistas, mas os investimentos complementares não surgiram ainda. Além disso, as aldeias não funcionam em rede, tendo os intercâmbios de natureza cultural ocorrido apenas durante o Festival de 2007. Contudo, o sentimento, nomeadamente dos responsáveis do poder local, é de que seria importante continuar a partilha de experiências, com um esforço colectivo da população, das empresas ligadas ao turismo, das Câmaras Municipais e das entidades oficiais de turismo.

### Os casos de Favaio e Provesende

As entrevistas com os 22 elementos da população local, escolhidos ao acaso, permitem o seguinte conjunto de conclusões:

- A grande maioria não esteve envolvido nos processos de requalificação, que não assentaram em qualquer dinâmica participativa;
- A quase totalidade considera que a intervenção foi importante, pelas melhorias realizadas e pelo maior visibilidade das aldeias;
- Alguns assinalam os incómodos causados pelas obras, a falta de infra-estruturas e de iniciativas de entretenimento e a descontinuidade do Festival;
- Sete dos inquiridos mostram insatisfação e outros 13 não estão satisfeitos nem insatisfeitos, revelando que as suas expectativas não foram respondidas, nomeadamente porque há pequenas obras por terminar ou mal acabadas, se perderam alguns traços característicos (como a fonte em Provesende), há casas intervencionadas a ruir, ou não existe articulação entre as seis aldeias;
- Metade acha que os impactos foram nenhuns ou muito poucos, sendo tal percepção mais forte em Favaio, em resultado da demora das obras;
- Entre os impactos positivos assinalados pelos restantes, encontram-se, por exemplo, a melhoria do aspecto das aldeias e da sua limpeza, a melhoria das infra-estruturas, o interesse acrescido na preservação e divulgação, a maior procura de produtos locais (sobretudo em Provesende, de pão, vinho, azeite e compotas), a construção do Museu (em Favaio), o acréscimo de visitantes e da auto-estima dos habitantes (ambos em Provesende);
- Porém, na linha do que já foi antes referido, existe a percepção de que não se criaram quaisquer postos de trabalho, sendo mesmo sublinhado que alguns se perderam, em virtude do encerramento de algum comércio;

- Vinte dos inquiridos têm a percepção de que houve pouca ou nenhuma dinâmica de acção em rede entre as seis aldeias.

Mais especificamente em matéria de turismo, os inquiridos das duas aldeias revelam percepções distintas: enquanto os de Provesende têm uma percepção de que aumentou a atractividade da aldeia, os de Favaios mostram desânimo, porque tal não aconteceu ainda. Porém, são unânimes em considerar que existem potencialidades turísticas, exemplificando com a paisagem, os vinhos e o pão tradicional, o azeite, os miradouros, as casas brasonadas, as fontes e pelourinhos, a gastronomia e o sossego.

Este potencial, como afirmam, está longe de ser bem utilizado em favor do desenvolvimento local, tendo em conta factores como: o envelhecimento e a falta de envolvimento da população; a perda de alguns serviços básicos (educação, segurança pública, saúde); a falta de pontos de venda de produtos regionais; a escassez de infra-estruturas (alojamento e restauração); a falta de percursos organizados pelas aldeias e arredores; a falta de sinalização dos pontos de interesse; o abandono de casas com história; e a pouca dinâmica associativa.

Neste quadro, os inquiridos apontam a necessidade de implementar um conjunto amplo de medidas, nomeadamente: (1) a recuperação do Posto de Turismo (Favaios); (2) a criação de alojamento turístico e de espaços de restauração; (3) a dinamização de actividades culturais (teatro, ranchos, festas e feiras); (4) a realização de eventos ligados ao vinho e ao pão; (5) a reconstrução de casas antigas; (6) a construção de equipamentos desportivos para os jovens; (6) um maior envolvimento dos poderes central e local e empenhamento dos residentes; e (7) uma maior divulgação das feiras e festas locais.

Os inquiridos mostraram muitas dúvidas quando se lhes perguntou se a sua aldeia estava viva. As respostas, de uma forma geral, revelam uma visão negativa, em que se destacam aspectos como o envelhecimento da população, a debandada dos jovens, o atraso nas mentalidades e nos negócios, a falta de iniciativas, o desinteresse pelo trabalho na agricultura, a estagnação, a desmotivação, o pouco convívio nos espaços públicos, os visitantes que passam e não ficam. Em suma, como ouvimos, as obras trouxeram esperança, mas foi pouca ou nenhuma a dinâmica criada. Neste quadro, quando interrogados sobre o futuro da aldeia no espaço de cinco anos, expressaram, sobretudo, desejos de mudança de mentalidades, de mais união e motivação e de novos projectos. Se, para uns, estará viva devido ao vinho, para ou-

tros o cenário é simples: “Os ingleses vão comprar tudo.”

As entrevistas aos líderes e outros actores locais revelaram algumas diferenças e muitos traços de confluência face aos dados anteriores. Assim:

- Cerca de um terço teve envolvimento nos projectos, nomeadamente no esclarecimento e apoio à população ou na intermediação com a Câmara Municipal;
- Contudo, é salientado que houve pouco esclarecimento dos residentes e falta de diálogo entre estes e os promotores;
- As opiniões sobre os projectos revelam um misto de percepções positivas e negativas, ou seja, se os mesmos são vistos por alguns como uma mais-valia para as aldeias, porque as melhoraram, valorizaram o seu património e as divulgaram, outros ressaltam o facto de algumas obras estarem mal acabadas ou terem recorrido a materiais de fraca qualidade, assim como a conflitualidade entre a população e as entidades envolvidas, os prejuízos causados ao comércio na fase de execução ou o fraco acréscimo de visitantes e falta de continuidade das iniciativas;
- Os aspectos mais positivos assinalados foram a melhoria da qualidade de vida e incremento da auto-estima, as requalificações e pequenas obras públicas, a construção do Museu do Pão e do Vinho (Favaios), a imagem mais bonita e a limpeza das aldeias, a construção da estrada variante (em Favaios) e a promoção turística;
- Entre os aspectos mais negativos, sobressaem a demora das obras, a conflitualidade antes referida, o não cumprimento de todos os objectivos, o fraco acompanhamento técnico das obras e da fiscalização, a fraca qualidade dos materiais de pavimentação (Favaios e Provesende), alguma descaracterização da aldeia (Provesende), a má sinalização, o pequeno acréscimo de turistas, a falta de continuidade, e a não realização de algumas obras desejadas (como o Teatro de Favaios);
- A percepção sobre a capacidade das aldeias para atrair visitantes não é muito clara: os inquiridos, como antes destacado, acham que houve melhorias, mas que não foram suficientes para captar turistas, faltando mais dinamização e divulgação. Como alguns disseram, nas duas aldeias, a população está apática e há muita estagnação. No caso de Favaios, acredita-se que a Adega Cooperativa e o Museu do Pão e do Vinho poderão ser alavancas de mais atractividade;



- Tal como no caso das entrevistas aos residentes, existe a percepção de que se criaram poucos postos de trabalho, sendo referidos os casos dos dois restaurantes (um em cada aldeia) e do Museu de Favaio, que permitiram dar trabalho a algumas pessoas.

A Tabela seguinte apresenta uma síntese a visão dos inquiridos quanto aos pontos fortes, pontos fracos e oportunidades das duas Aldeias Vinhateiras. Em síntese, o quadro que se apresenta para os microcosmos de cada uma das aldeias é, de alguma forma, o retrato do próprio Douro na sua globalidade.

Afinal, a aldeia está viva? E como estará daqui a cinco anos? Estas foram as derradeiras questões colocadas aos 31 inquiridos. As respostas não divergem muito entre os respondentes das duas aldeias: em Favaio, sublinharam o envelhecimento da população e o abandono, assim como a decadência da agricultura e o baixo nível de vida, mas destacaram também que os investimentos criaram novas oportunidades e que a aldeia é mais conhecida; em Provesende, disseram que se fixaram pessoas novas e nasceram outras, e que a aldeia tem hoje outras condições para se desenvolver e que há mais motivação, mas também que faltam jovens e gente empreendedora, assim como espírito de cooperação.

Quanto ao futuro, os cenários traçados pelos inquiridos têm tom cinzento escuro e apresentam desafios pesados, nomeadamente: apostar no turismo ligado à agricultura; inovar para evoluir; criar empregos; contar com menos gente e com mais idosos. Os problemas, segundo disseram, têm a ver com a falta de “gente com garra”, que se empenhe e faça investimentos. Como sublinharam dois inquiridos, de Provesende e Favaio, respectivamente: “Com esta falta de dinamização pelas entidades competentes e os privados, (a aldeia) morrerá brevemente”; “Os mais novos não têm vontade nem garra de luta para progredir e agarrar oportunidades”.

### Reflexão final e algumas lições

As seis aldeias do Douro que integraram o Programa “Aldeias Vinhateiras” são uma pequena amostra da realidade regional, porventura uma amostra enviesada, uma vez que foram objecto de intervenções de requalificação e revitalização. Estão espalhadas no território, em cinco concelhos distintos, estão ligadas à história regional, à vinha e ao vinho, têm património de valor e exibem potencialidades turísticas.

Os objectivos do Programa estão longe de estar cumpridos. Criaram-se esperanças, houve progressos, mas também

Dimensão	Aspectos Assinalados
<b>Pontos Fracos</b>	População envelhecida; muita emigração; falta de recursos humanos qualificados; falta de alojamento turístico e de restaurantes; falta de informação turística; falta de sinalética; declínio da agricultura; falta de iniciativa; pouca intervenção do poder local; desmotivação (abandono do rancho folclórico, banda, fanfarra, e declínio do teatro em Favaio); falta de comunicação e colaboração entre residentes e com os responsáveis políticos; descontinuidade do projecto e quebra de dinamização local; falta de espaços públicos de lazer e convívio (Provesende); abandono do património (Provesende); falta de estacionamento para autocarros (Provesende).
<b>Pontos Fortes</b>	Paisagem, vinho, pão, azeite, património cultural, quintas e casas senhoriais (Provesende), monumentos, teatro da aldeia (Favaio), enoteca (Favaio), gastronomia, pessoas mais motivadas (Provesende).
<b>Oportunidades e iniciativas</b>	Desenvolvimento das ligações entre vinho e turismo; revitalização de produtos e actividades locais; promoção do artesanato; dinamização do teatro; criação de alojamento turístico e de restaurantes; criação de pontos de venda de produtos locais; criação de trilhos e percursos; retomar o Festival das Aldeias Vinhateiras; melhorar a sinalética.

Tabela 1. Pontos fortes, pontos fracos e oportunidades das Aldeias Vinhateiras de Favaio e Provesende

retrocessos. Há mais qualidade de vida, mas a fuga de população não parou. As aldeias são mais conhecidas, mas a atractividade turística não registou os incrementos esperados. Os investimentos complementares foram escassos e a rede de aldeias não existe. O Festival não teve lugar em 2008, e a dinâmica criada estagnou. As potencialidades existem, mas certezas quanto ao futuro são poucas. Acima de tudo, parece faltar gente e energia social capazes de manter uma dinâmica de desenvolvimento que seja garante de aldeias vivas.

Que lições tirar deste processo? Que medidas tomar para re-dinamizar o Programa “Aldeias Vinhateiras”? As respostas dos inquiridos apontam pistas importantes, reveladoras da sua leitura da realidade e de algumas oportunidades a considerar. Contudo, outros aspectos merecem ser apontados.

Em primeiro lugar, há que reflectir sobre as articulações entre as diferentes componentes do Programa, ou seja, material, empregabilidade e comunicação e promoção turística. Na abordagem seguida, a primeira componente a avançar foi a material, relativa às obras de requalificação das aldeias, que, sublinhe-se, absorveu a fatia mais importante do investimento total, cerca de 11 dos 12 milhões de euros. Considerou-se, certamente e com razão, que as obras requeriam tempo para negociar, preparar e executar, pelo que importava que fossem lançadas o mais cedo possível.

As restantes componentes ficaram para a parte final da intervenção, quiçá tardiamente, o que não permitiu um trabalho mais aturado e continuado com os residentes e outros potenciais intervenientes, que conduziu à maturação e execução de projectos concretos no campo económico (artesanato, comércio, alojamento turístico, restauração, etc.), assim como à dinamização do tecido associativo e à construção da rede das aldeias. Além do mais, estas componentes mereceram um esforço financeiro diminuto face ao total, e não foram contempladas verbas de apoio ao investimento em pequenos negócios.

Uma segunda lição tem a ver com a participação local na construção do Programa e na sua implementação. Os inquiridos revelaram fraco envolvimento no processo, pouco esclarecimento, falta de diálogo entre os intervenientes e existência de alguma conflitualidade. Em suma, as intervenções não assentaram numa lógica de envolvimento das comunidades e dos seus actores, tendo-se estruturado, sobretudo, como algo vindo “de fora para dentro” e “de cima para baixo”. Assim, mesmo os esforços realizados no quadro das componentes imateriais, em

particular na designada por “Empregabilidade”, não parecem ter sido suficientes para gerar uma dinâmica participativa e mobilizadora.

Uma terceira lição, ou linha de reflexão, tem a ver com o poder ou capacidade de influência das políticas públicas. Na verdade, o Programa em causa surge da iniciativa voluntarista da administração pública e pode perguntar-se, por exemplo, até que ponto, e em que circunstâncias, é que esta pode colmatar as desvantagens de áreas rurais em declínio, gerando processos de regeneração e revitalização socioeconómica? Destacamos, neste capítulo, que a iniciativa do Estado é crucial, mas há que acautelar, nomeadamente, um melhor equilíbrio entre intervenções materiais e imateriais, em termos de investimento e calendarização, o recurso a abordagens participativas, que envolvam e dinamizem a acção colectiva e o capital social territorial, e uma perspectiva de longo prazo, que garanta mais sustentabilidade nos processos.

O futuro das Aldeias Vinhateiras, como da generalidade das aldeias do Douro, depende, em larga medida, da manutenção de uma vitivinicultura de qualidade e competitiva, assim como da valorização económica e social de outros recursos locais, assente em estratégias integradas que fomentem a inovação e a criação de emprego. Ao esforço de requalificação realizado, há que acrescentar um trabalho redobrado para assegurar mais qualidade de vida para os residentes, que passa pelo acesso a serviços nos campos da educação, formação e saúde, dando particular atenção às crianças, jovens e idosos.

Há que promover a lógica original de “Rede de Aldeias”, que se perdeu, e assegurar a gestão colectiva da marca e imagem “Aldeias Vinhateiras”, sobretudo através de instrumentos potenciadores da participação e da acção local, como, por exemplo: (1) O “Forum das Aldeias Vinhateiras”, a realizar anualmente numa das aldeias, numa base rotativa, envolvendo o poder local (Câmaras Municipais e Juntas de Freguesia) e representantes dos organismos públicos (Estrutura de Missão Douro, Entidade Regional de Turismo do Douro, Escolas, etc.) e dos actores sociais, culturais e económicos do território; e (2) a “Mesa Permanente das Aldeias Vinhateiras”, mais restrita, que assegure a gestão colectiva das dinâmicas e iniciativas territoriais, facilitando articulações.

As Aldeias Vinhateiras terão também de reforçar as articulações com toda a envolvente, tornando-se ponto de partida, ou de chegada, para a exploração do Douro. Se nelas não existe alojamento, restau-

ração ou animação, em torno porventura existirá. Trata-se, no fundo, de construir, progressivamente, uma trama que inclua casas de turismo rural, hotéis, restaurantes, quintas e adegas, núcleos museológicos, eventos, e outros locais de atracção e fixação de visitantes e turistas.

Figueiredo (2003), numa análise crítica do turismo rural, centrada na sua génese, fundamentos e impactes no desenvolvimento, coloca uma questão tão relevante como provocatória: “Quantas mais ‘aldeias típicas’ conseguimos suportar?”. Não temos resposta, mas diríamos que as aldeias do Douro, e de outras regiões, serão mais vivas se as pensarmos, em primeiro lugar, como espaços de vida em comunidade, assente no acesso a trabalho digno, rendimento justo e serviços de qualidade, e só depois como locais de recreio e lazer, abertos à fruição por populações urbanas ou não locais, ou seja, como espaços de turismo rural, enoturismo ou turismo cultural.

## Bibliografia

- Baptista, F. O.  
2003 “Um Rural Sem Território”. In Portela, J e Caldas, J. (Org.), *Portugal Chão* (pp. 47-66). Oeiras: Celta Editora.  
CCRN  
2002a *Prodouro – Programa de Desenvolvimento do Douro: Relatório de Execução Global. Balanço Quantitativo*. Porto: Autor.  
CCRN  
2002b *On – Operação Norte, Medida 2.1 AIBT-Douro: Relatório de Execução (Documento Interno)*. Porto: Autor.  
Cristóvão, A. (Coord.)  
2003 *Relatório Final do Estudo de Avaliação Estratégica da AIBT-Douro*. Vila Real: UTAD, DESG/CETRAD.  
Cristóvão, A. (Coord.)  
2005 *Relatório Final do Estudo de Avaliação Estratégica da AIBT-Douro*. Vila Real: UTAD: DESG/CETRAD.  
Cancela de Abreu, M.  
2006 “A Paisagem Rural: O Campo da Democracia”. In *Actas do Congresso dos 30 Anos da APAP - A Paisagem da Democracia* (pp. 103-111). Lisboa: APAP.  
Correia, T. P. (Coord.)  
2006 *Estudo sobre o Abandono em Portugal Continental. Análise Dinâmica da Ocupação do Solo, do Sector Agrícola e da Comunidade Rural*. Évora: Universidade de Évora.  
Covas, A.  
2008 *Ruralidades III – Temas e Problemas do Mundo Rural*. Faro: Universidade do Algarve, Economia e Gestão.  
Covas, A.  
2007 *Ruralidades III – Temas e Problemas da Ruralidade Pós-Agrícola e Pós-Convencional*. Faro: Universidade do Algarve, Economia e Gestão.  
Mesquita, A. M. V.  
2009 *Sistemas de Distribuição no Turismo em Espaço Rural: A Região de Trás-os-Montes*. Aveiro: Universidade de Aveiro, Tese de Mestrado.  
Peixoto, P.  
2004 “O Desaparecimento do Mundo Rural”. Comunicação ao *VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais*, <http://www.ces.uc.pt/lab2004/>, acedido a 27 de Outubro de 2009.  
Portela, J.  
2005 “Sonhos de Pais e Filhos, Escola e Assimetrias Sociais. Reflexão em Torneo do Portugal Rural. In Silva”. In M. C., A. P. Marques e R. e Cabecinha (Org.), *Desenvolvimento e Assimetrias Sócio-Espaciais*, (pp. 195-248). Braga: Núcleo de Estudos em Sociologia da Universidade do Minho.,  
Portela, J.  
2003 “Portugal-Chão: Que Futuro Futurível?”. In Portela, J. e J. C. Caldas (Org.), *Portugal Chão* (pp. 3-36). Oeiras: Celta Editora.,  
Ruivo, P. L.  
2006 *Marketing e Territórios Rurais. Procura e Oferta de Amenidades*. Lisboa: Instituto Superior de Agronomia, UTL, Tese de Doutoramento.  
Sanches, A.,  
2005 “Um Quarto dos Concelhos Portugueses Corre Risco de Morte Social”. *Jornal Público*, 21 de Janeiro, p. 28.  
  
**Páginas Web, acedidas no dia 8 de Dezembro de 2009**  
[http://www.aldeiasvinhateiras.pt/sobre\\_projecto/index.php](http://www.aldeiasvinhateiras.pt/sobre_projecto/index.php)  
<http://www.aldeiashistoricasdeportugal.com/>  
<http://www.aldeiasdoxisto.pt/institucional/9/5>  
<http://www.aldeiasdeportugal.pt/PT/>  
<http://www.anop.eu/index.php/pt/programas-operacionais/227-aldeias-vivas>  
[http://www.aldeiasvinhateiras.pt/index\\_intro.php](http://www.aldeiasvinhateiras.pt/index_intro.php)  
  
Recibido: 17/03/10  
Reenviado: 02/04/10  
Aceptado: 05/07/10  
Sometido a avaliação por pares anónimos